

A ESCRITA EMPODERADA DE CAROLINA MARIA DE JESUS: A VOZ DA RESISTÊNCIA NO CENÁRIO DAS IMPOSSIBILIDADES

Dr.^a NÍNCIA BORGES TEIXEIRA
Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
Guarapuava, Paraná, Brasil
(ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br)

RESUMO: Este artigo analisa a obra de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Busca-se demonstrar, em sua escrita, o poder da palavra e de dar voz à mulher pobre, negra, favelada e catadora de lixo. Ao tomar para si mesma este poder, a autora cumpre seu papel de intelectual ao retratar o ambiente em que vivia, suas mazelas e dificuldades, bem como as experimentadas pelos moradores da favela do Canindé. Sua escrita pode ser considerada um divisor de águas na prosa literária brasileira, pois antes dela não há registro de uma inscrição autoral negra e feminina articulando na palavra cotidiana a experiência do urbano. O trabalho aponta que a escrita de Carolina é um ato de empoderamento, e nesse sentido referimo-nos não apenas à construção de uma consciência crítica, pelo sujeito-Carolina, de seu contexto natural, social, cultural e político de vida, mas principalmente a uma aquisição de poder e a um processo articulado que integra a construção de uma consciência crítica com a ação, nesse caso, a ação/escrita da obra literária. Nesta perspectiva, *Quarto de Despejo* é uma tomada de consciência a respeito de fatores de diferentes ordens – econômica, política e cultural – que conformam a realidade e incidem sobre o sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina de Jesus. Escrita empoderada. *Quarto de despejo*.

Artigo recebido: 29 set. 2016.
Aceito: 10 nov. 2016.

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

THE EMPOWERED WRITING OF CAROLINA MARIA DE JESUS: THE VOICE OF RESISTANCE IN THE SCENERY OF IMPOSSIBILITIES

ABSTRACT: This paper analyzes the work of Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. We seek to show, in her writing, the power of words, as well as the power of giving voice to the women who are poor, black, slum residents and garbage pickers. By taking this power for herself, the author fulfills her role as an intellectual by portraying the environment in which she lived, its illnesses and difficulties, as well as the ones experienced by the Canindé slum residents. Her writing can be considered a watershed in Brazilian literary prose, since, before it, there is no record of a black and feminine authorial writing which articulated, in everyday words, the experience of urban life. The article points out that Carolina's writing is an act of empowerment, and in this sense we refer not only to the construction of a critical consciousness, by the subject Carolina, of her natural, social, cultural and political context of life, but mainly to power acquisition and to an articulated process that integrates the construction of a critical consciousness with the action, in this case, the action/writing of the literary text. In this perspective, *Quarto de despejo* represents a process of consciousness regarding different facts of different orders – economic, political and cultural – which integrate reality and focus on the subject.

KEYWORDS: Carolina de Jesus. Empowered writing. *Quarto de despejo*.

“Eu disse: o meu sonho é escrever!
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa.”
Carolina de Jesus

INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus aponta na cena literária brasileira como um paradoxo diante de um cenário de ‘impossibilidades’ para uma carreira literária: é uma mulher negra, semialfabetizada, favelada e mãe solteira. Sua obra não se resume aos diários publicados e às versões organizadas pelo jornalista Audálio Dantas, entre eles *Quarto de despejo – o diário de uma favelada* (1960), e *Casa de alvenaria, diário de uma ex-favelada* (1961). Além desses dois títulos, que projetaram o nome de Carolina Maria de Jesus dentro e fora do Brasil em apenas dois anos, a escritora publicou, por sua conta, *Pedaços da fome e provérbios* (1963). Segundo Meihy (1998), a entrada de Carolina no cenário nacional ocorreu em um momento estratégico, nos anos dourados do governo JK, em que a condição de vida da autora, narrada de forma tão intensa em seu diário, representava uma enorme discrepância em relação aos ideais de modernização e democratização vigentes no país naquele momento. Nesse conjunto, a experiência de mulher batalhadora que sobrevivia graças ao lixo da cidade valia como argumento de interesse social. Foi, assim, que Carolina se transformou em representante de temas que empolgavam o debate político da esquerda e da direita (MEIHY, 2010, p. 61).

Quarto de despejo: diário de uma favelada foi lançado em 1960. O livro reúne relatos da vida na favela e revela o dia-a-dia simples de uma mulher negra, catadora de lixo e mãe de três filhos, que escrevia em cadernos encontrados no lixo. Carolina estudou apenas um ano e meio na escola formal, mas mantinha o hábito da

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

leitura. Descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, repórter da *Folha da Noite*, Carolina teve suas anotações publicadas em 1960 no livro *Quarto de despejo*, que vendeu mais de cem mil exemplares. A obra foi prefaciada pelo escritor italiano Alberto Moravia e traduzida para 29 idiomas. Em 1961, o livro foi adaptado como peça teatral por Edi Lima e encenado no Teatro Nídia Lícia, no mesmo ano. Sua obra também virou filme, produzido pela televisão alemã, que utilizou a própria Carolina de Jesus como protagonista do longa-metragem *Despertar de um sonho*.

Quarto de despejo recupera as facetas do início da modernização da cidade de São Paulo e da criação de suas favelas. A cidade representava a liberdade, a oportunidade e, também, muita luta e pobreza. Carolina lutava para sobreviver. Há registros de que morou em cortiços e, dessa experiência, escreveu, anos mais tarde, o romance *Felizarda*, depois publicado com o nome de *Pedaços da fome* (CASTRO, 2007, p. 28). Em suas anotações, registrava as mazelas e as contradições de São Paulo e de seus habitantes. Para Castro,

São Paulo desenvolvia-se com tal rapidez que era impossível seguir um plano. Considerada feia por muitos, tinha ao centro edifícios pomposos, ultrapassados e mal construídos, e ruas estreitas sem circulação de ar. Era selvagem, ainda a ser domada. [...] Aos olhos de Carolina, esse espaços tão desiguais eram desafiantes e, como ela própria, ambíguos e contraditórios. São Paulo era certamente um lugar em que ela podia viver, [...]. Sentiu-se em casa. (CASTRO, 2007, p. 26)

De acordo com a pesquisadora Germana Henriques (2013), a vida em São Paulo é o retrato de uma faceta cruel e perversa, pouco conhecida e muito dissimulada, resultado do temor que as elites vivenciam em tempos de perda de hegemonia. Sem necessitar das áreas da onde emergem os perigos, a elite que resguarda hegemonias não suaviza atos e consequências quando ameaçada por “gente de

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

fora” (leia-se, “gente de baixo”). Essa literatura documental de contestação, tal como foi conhecida e nomeada pelo jornalismo de denúncia dos anos 1950-60, é hoje a literatura das vozes subalternas que se enunciam, a partir dos anos 1970, pelos testemunhos narrativos femininos.

Ueliton Alves afirma que, para uma escritora que viveu rotulada como “mulher, negra e favelada”, mãe solteira sem muita escolaridade, que tinha nos lixões do entorno da favela do Canindé, em São Paulo, onde morava, os meios de sustentar a família e a base de sua produção literária (ela levava para o barraco livros e cadernos que encontrava no lixo), pode-se dizer que ela foi um fenômeno editorial e midiático, algo contrastante com sua atividade de catadora de papel das ruas de São Paulo.

Para compreendermos a exclusão de Carolina do cânone literário, é necessário entender o contexto social no qual estava inserida, e como a sua literatura havia sido exaltada de maneira tão superficial. Para a crítica literária da época, os usos linguísticos de Carolina fizeram com que muitos afirmassem ser sua obra uma farsa, ignorando todos os aspectos de um texto que mostrava, em primeira pessoa e da perspectiva de quem viveu na favela, uma sociedade e uma cidade que não estava na televisão ou nos livros.

Se por um lado, alguns defendiam que a autora não seria capaz de escrever devido à sua classe, raça e pouco letramento, por outro lado diziam que algumas palavras presentes no diário seriam próprias de quem “dominava a linguagem”, alegando até mesmo que se tratava de uma obra de Audálio Dantas, repórter da Folha de São Paulo que descobriu Carolina em uma visita à favela do Canindé.

Nas palavras de Luma Oliveira, esses argumentos nos dão base para que vejamos o racismo escancarado, espécie de “mola” para que se deslegitime a literatura negra produzida e demonstrando-nos a face cruel do racismo sem relação a uma mulher negra, residente da favela, que estava fazendo literatura e penetrando em um campo que

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

foi por muito tempo construído e constituído por poucos, não só em relação à leitura, como também no que diz respeito à escrita. Trata-se de um espaço literário no qual Carolina raramente poderia ser inserida, por escrever uma literatura não consagrada pelo cânone.

A mídia brasileira das décadas de 1960-70 esperava que Carolina Maria de Jesus obedecesse aos papéis determinados por uma sociedade racista, em que sempre se espera que as hierarquias sejam mantidas, sendo que, para a classe negra e pobre, cabia carregar nas cabeças as “latas d’água sociais” (OLIVEIRA, 2014). Em seu poema “O colono e o fazendeiro”, percebemos sua personalidade contestadora:

Diz o brasileiro
Que acabou a escravidão
Mas o colono sua o ano inteiro
E nunca tem um tostão
[...]
Fazendeiro ao fim do mês
Dá um vale de cem mil-réis
Artigo que custa seis
Vende ao colono por dez
[...]
Ele perde a mocidade
A vida inteira no mato
E não tem sociedade
Onde está o seu sindicato?
[...]
(JESUS, 1996, p. 147)

Deve-se considerar, também, de acordo com Santos (2015), que o livro veio a público em um momento em que os meios artísticos e intelectuais de esquerda brasileiros tinham como central o problema da identidade nacional e política do povo brasileiro. Buscavam-se as raízes deste povo e também, uma ruptura com o subdesenvolvimento e a marginalização. Conforme Marcelo Ridenti (citado em SANTOS, 2015), valorizava-se a vontade de transformação e a ação dos seres humanos para mudar a história, visando à construção de um novo

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

homem, para o qual o modelo estava no passado, na idealização de um autêntico homem do povo, com raízes rurais, do interior do Brasil, exaltando o indígena e a comunidade negra. Assim,

Visa-se retornar a uma comunidade inspirada no homem do povo, cuja essência estaria no espírito do camponês e do migrante favelado a trabalhar nas cidades. Buscavam-se alternativas a modernização da sociedade que não implicasse na desumanização, no consumismo, no império fetichista da mercadoria e do dinheiro. (RIDENTI, 2014, p. 8-10)

Para Souza (2012, p. 69-75), após o lançamento de *Quarto de despejo*, o contexto socioeconômico e cultural brasileiro parecia haver piorado. A crítica brasileira não compreendeu o embate de Carolina, pois exigiu dela um domínio padronizado de arte literária e uma coerência ideológica impensável para alguém cuja preocupação cotidiana estava na incerteza do que haveria diariamente para se comer. Assim, não consideraram os pontos fortes de sua escrita e pareciam esquecer sua origem. Mesmo assim, ela sempre surpreendeu, pois não correspondia aos estereótipos: negra, espera-se que seja humilde, mas não é. Mulher, espera-se que seja submissa, mas não é. Semianalfabeta, espera-se que seja ignorante, mas não é. E não sendo o que se espera dela, é rejeitada como pessoa pela sociedade e incompreendida como escritora (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 77).

Carolina nasceu apenas 26 anos depois da abolição da escravidão. O negro não tinha sido incluído na sociedade com aquela abolição. Tinha sido abandonado, depois de ser explorado todo o seu trabalho e alegria. Um tempo complicadíssimo. Carolina, mulher negra, que veio do interior, semianalfabeta, catadora de lixo, mãe solteira com filhos de pais diferentes, venceu em um contexto de exclusão e fome, não se deixando abater mesmo antes da publicação do livro. Ela escrevia sua dor e refletia sobre o suicídio, tinha vezes de patriota e vezes de incrédula. Para ela, escrever era uma arma, e ela

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

tinha consciência disso: “Ela era uma pessoa autoritária, forte. Com vontades de fazer grandes coisas” (DANTAS, 1958).

Em *Quarto de despejo*, a autora descreve de forma direta e lúcida toda a falta de políticas públicas no interior da favela em que morava, apontando para uma série de problemas sociais que se instalam ao redor dessa aglomeração de pequenos casebres. Segundo Carolina, a vida na favela era degradante:

chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar cruvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. [...] O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga. [...] Cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. O barraco tanto no interior como no exterior estava sujo. E aquela desordem aborreceu-me. Fitei o quintal, o lixo podre exalava mal cheiro. Só aos domingos que eu tenho tempo de limpar. (JESUS, 2006, p. 42)

Segundo Philippe Lejeune (2008), escrever e publicar a narrativa da própria vida foi por muito tempo um privilégio reservado aos membros das classes dominantes. O “silêncio” das outras classes parece totalmente natural: a autobiografia não faz parte da cultura dos pobres.

O autor de um texto é na maioria das vezes, aquele que o escreveu: mas o fato de escrever não é suficiente para ser declarado autor. Não se é autor incondicionalmente. Trata-se de algo relativo e convencional: só se torna quando se assume, ou alguém lhe atribui a responsabilidade da emissão de uma mensagem (emissão que implica a sua produção) no circuito de comunicação. (LEJEUNE, 2008, p. 124)

A publicação dos diários de Carolina de Jesus rompe com o sujeito tradicional do discurso autobiográfico, que na maioria das vezes é representado em “biografias de figuras notáveis ou de grandes heróis.” Ao se colocar no centro do universo da cultura, erige-se o discurso de um sujeito que estava à margem da sociedade. Lara

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

Gabriella Alves dos Santos considera a autora como “sujeito histórico” que, a partir de sua obra, e de um relato individual de sua história, produz uma representação acerca das identidades coletivas da favela Canindé. Para ela:

O desafio da discussão identitária exige que se abram espaços de interlocuções permanentes com disciplinas afins e múltiplos autores, tendo em vista a complexidade desse conceito e sua característica multifacetada. Intenta-se, também, discutir o processo de socialização do indivíduo e o caráter político e psico-sócio-histórico do processo de constituição das identidades. (SANTOS, 2015, p. 11)

O texto de Carolina Maria de Jesus faz emergir, então, a complexa problemática existente em torno da legitimidade cultural do discurso literário de autoria marginal. A literatura marginal aqui mencionada não se refere à poesia marginal da década de 1970, conhecida como um movimento literário com características fechadas, mas sim a uma tentativa de libertação dos modos de produção e de concretização da expressão livre. Os textos eram impressos em livretos artesanais mimeografados, com a característica do detalhe, da coloquialidade e das tiragens reduzidas. A margem, na obra *Quarto de despejo*, é social, pois sendo ela uma mulher negra de pouca escolaridade — no meio da intersecção de raça, gênero e classe — não passou ilesa pelas estruturas racistas de nossa sociedade. Ciente de que o poder tem cor, são dela as palavras: “Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações” (JESUS, 2006, p. 70).

Os problemas sociais na favela do Canindé, como a própria Carolina relata, agrava formas de violência, principalmente, contra as mulheres e crianças: homens batem em suas mulheres que, às vezes, saem correndo nuas de seus barracos, o que, para os moradores, é um espetáculo e não um absurdo; mulheres brigam por inúmeros motivos, inclusive por coisas banais; homens brigam com vizinhos

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

também por inúmeros motivos; homens desafiam crianças. Santos (2015) assevera que Carolina é considerada produto e produtora, autora e personagem, construída através da atividade social em um determinado momento histórico:

Tentar compreender o sujeito Carolina por meio da análise identitária implica em acompanhar as constantes mudanças, as diferentes representações que podem conformar tanto a expressão do movimento de alterização quanto à impressão do mesmo. Buscar abordar a identidade de uma pessoa, especificamente de uma favelada, é procurar compreender o entrelaçar das falas em diálogo com conceitos que lhe dão uma forma como espaço, território, cultura e tempo (memória e história).

Em sua narrativa, Carolina dá um tom de sensibilidade ética no que diz respeito à miséria humana. Fala das condições de vida das pessoas pobres, da miséria, da fome, da falta de educação e instrução, da divisão de classes, exclusão social e ideologia da época. A cidade, para ela, é como uma espécie de sala de visitas e a favela, por sua vez, era o quarto de despejo. A escrita de Carolina é de grande relevância na busca de respostas para questionamentos inerentes ao indivíduo, nas reflexões relacionadas à condição humana. O espaço e a memória estão intimamente ligados em *Quarto de despejo*; a escritora aborda suas agruras, perdas, sofrimentos, afetos, ilusões e desilusões, bem como as certezas e angústias, em um contexto social desfavorável. Para Santos (2015):

Os espaços são os contornos do território, as formas que o envolvem, mas é a trajetória de sua vida que o anima. Assim, o espaço está contextualizado ao indivíduo, que ao mesmo tempo se configura como individual, é também influência de um conjunto de fatores sociais e culturais de uma sociedade. Suas memórias, aquilo que diz de sua trajetória individual, é também coletiva.

A violência na favela é desencadeada, na maioria das vezes, pelo consumo do álcool. Carolina não bebia, dizia que beber era um

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

gasto desnecessário, que o vício no álcool gera violência e que preferia gastar seu dinheiro, conseguido com tanto esforço, comprando alimentos para seus filhos. No livro, há relatos de pais e mães que bebiam, o que, direta e indiretamente, acabava por causar mal aos seus filhos. O espaço, pois, reflete a memória individual e também coletiva da favela e de sua cultura, expressa pela linguagem. E a linguagem de Carolina, não diferentemente de outros sujeitos, traz em si as marcas de sua cultura, de sua trajetória como ser social. Assim, a relação entre a linguagem, cultura e a sociedade constituem o arranjo fundamental nas atividades cotidianas narradas no diário de Carolina:

Assustei quando ouvi meus filhos gritar. Conheci a voz de Vera. Vim ver o que havia. Era Joãozinho, filho da Deolinda, que estava com um chicote na mão e atirando pedra nas crianças. Corri e arrebatei-lhe o chicote das mãos. Senti o cheiro de álcool. Pensei: ele está bêbado porque ele nunca fez isto. Um menino de nove anos. O padrasto bebe, a mãe bebe e a avó bebe. E ele é quem vai comprar pinga. E vem bebendo pelo caminho. Quando chega, a mãe pergunta admirada: — Só isto? Como os negociantes são ladrões! (JESUS, 2006, p. 109)

A autora não se reconhecia como intelectual, mas tinha a exata noção da força da palavra e a usava para exercer poder. Na obra *Quarto de despejo*, há passagens em que sempre que um morador da favela a contrariava, era ameaçado de ser “incluído no livro que estava escrevendo”. A literatura lhe possibilitava uma defesa contra as humilhações e violências às quais estava sujeita. Colocada a seu serviço, sua obra e sua intelectualidade a defendem do seu próprio grupo social.

Ao mesmo tempo em que Carolina rejeita e condena a sua pobreza e a dos outros, ela traduz tudo isso numa linguagem das margens, tornando-se parte da história da literatura de periferia no Brasil. Nas palavras de Santos (2015), existe em Carolina um sentimento de pertencimento/despertencimento, de dominar e não

dominar um conjunto de saberes ou crenças a fim de agir como membro de um grupo e ser aceito, de fazer parte deste, e é nessa contradição que a autora se constitui como sujeito. Carolina não é apenas subjetividade, consciência, nem tampouco é apenas uma coisa, objetividade, nem totalmente delatora, e nem propriamente uma porta-voz dos desvalidos.

CAROLINA E A VOZ DA RESISTÊNCIA

Durante muito tempo, compartilhou-se a visão de que homens e mulheres são diferentes entre si e que as diferenças que a sociedade impôs eram naturais. Assim, a mulher durante séculos permaneceu em uma condição inferior à do homem, como se este fosse o processo natural de definição de seu lugar no mundo. Homens e mulheres compartilhavam a visão de que o homem é superior, tem mais poder, é o que manda, e que a mulher se adapta a esta condição, tendo menos poder, menos condições de se virar sozinha, e menos conhecimento.

Historicamente, as mulheres sempre tiveram sua liberdade restringida e sua autonomia como sujeitos negada ou desvalorizada. Relegadas ao ambiente doméstico e privado, o “segundo sexo” foi excluído da vida pública, do acesso à educação formal, do trabalho remunerado e das decisões políticas e familiares, oprimido e silenciado das mais diversas formas. Por outro lado, conforme explica Simone de Beauvoir, os homens, desde os primórdios do patriarcado, julgaram de grande utilidade para seus interesses e pretensões “manter a mulher em estado de dependência”, concentrando em suas mãos a autonomia e o poder e constituindo concretamente a mulher como o Outro.

Carolina, portanto, reveste-se com o poder da palavra e se encarrega de dar voz à mulher pobre, negra, favelada e catadora de

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

lixo. Ao tomar para si o poder, cumpre seu papel de intelectual ao retratar o ambiente em que vivia, suas mazelas e dificuldades, bem como as experimentadas pelos moradores da favela do Canindé. Sua escrita pode ser considerada um divisor de águas na prosa literária brasileira, pois antes dela não há registro de uma inscrição autoral negra e feminina articulando na palavra cotidiana a experiência do urbano. A linguagem, sendo um aspecto da cultura, e também se configurando como histórica, muda com o tempo e o lugar. Carolina passa para o papel o que quer dizer sobre a favela “catando” palavras, “reciclando” discursos, trazendo lirismo, fornecendo, portanto, chaves para um trabalho singular com a linguagem em uma estética da fragmentação (ANDRADE, 2008, p. 1).

Por meio de sua narrativa, a romancista, conforme afirma Alfredo Bosi, desenvolve sua resistência aos antivalores do meio:

A escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável. O narrador cria, segundo o seu desejo, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes. Graças à exploração das técnicas do foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do eu aos valores e antivalores do seu meio. (BOSI, 2002, 121)

A escrita sempre esteve, de alguma forma, também associada ao poder. Nas civilizações antigas, os escribas detinham o poder da escrita, pois o domínio dessa tecnologia era de conhecimento restrito. Esse poder os aproximava das classes dominantes (reis, faraós), que sancionavam as informações que deveriam ser registradas. Assim, poucos tinham o poder de decidir o que seria ou não registrado, poucos tinham o poder – e a capacidade de fazer – este registro e, portanto, de decifrá-lo. Empoderar, usado como verbo intransitivo, se refere a um processo através do qual certas pessoas ganham influência e controle sobre suas vidas e, conseqüentemente, se tornam

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

empoderadas (WALLERSTEIN; BERNSTEIN, 1994). Para Fernanda Miranda (2015), a obra de Carolina de Jesus é uma porta de acesso ao empoderamento discursivo advindo do ato de fala literário.

Para Cecília M.B Sardenberg, o empoderamento é um processo de autonomia, da autodeterminação, que implica na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero e da opressão patriarcal. Batliwala (1994) acredita que este termo está interligado às formas de poder, e que as mulheres devem questionar a ideologia patriarcal e a tentativa de transformar instituições ou até mesmo, estruturas que corroboram para as desigualdades sociais. Para ela,

O poder decisório emana do controle sobre esses recursos, que tem estado, em grande parte, sob o controle masculino. Contudo, nós, mulheres, não fomos nunca totalmente desempoderadas. Sempre tentamos, de uma maneira, ou de outra, “expandir nosso espaço”, mesmo quando as ideologias patriarcais conseguiram minar essas tentativas. (BATLIWALA, 1994, p. 125)

Ao considerarmos a escrita de Carolina como um ato de empoderamento, referimo-nos não apenas à construção de uma consciência crítica, pelo sujeito-Carolina, de seu contexto natural, social, cultural e político de vida, mas principalmente, a uma aquisição de poder, isto é, à vivência de um processo articulado que integra a construção de uma consciência crítica com a ação, nesse caso, a ação/escrita da obra. Nesse sentido, *Quarto de despejo* é uma tomada de consciência a respeito de fatores de diferentes ordens – econômica, política e cultural – que conformam a realidade, e que incidem sobre o *sujeito*. A mulher autossuficiente sempre foi reprimida em diversas sociedades, classes e culturas, sendo que a escrita como empoderamento abre caminhos para outro horizonte até então não explorado: o da condição feminina sob a ótica da ditadura patriarcal.

De acordo com Miranda (2015), Carolina de Jesus pode ter sido a primeira autora afro-brasileira a incluir, em uma obra literária,

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

a experiência histórica da pobreza e da desigualdade racial, não apenas pela temática da sobrevivência urbana marginal, mas principalmente, pela formalização estética dessa temática. Carolina de Jesus se utiliza de uma narrativa enxuta, direta e seca, somada a ironias, antíteses, paradoxos e metáforas, e constrói um real específico, que é a vida dos favelados, de uma forma dramática e lírica: “A noite está tépida. O céu já está salpicando de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido”.

O ato de dar voz, através da literatura, a grupos silenciados e marginalizados socialmente abre a possibilidade de narrar a partir de novos ângulos, contribuindo para o preenchimento de lacunas não contempladas pela história oficial e para a emergência de versões sobre aquilo que o discurso oficial procurou calar ou ocultar. Nesse sentido, a obra *Quarto de despejo* traz à tona novos ângulos de enunciação, apresentando uma leitura alternativa da história: o processo de modernização de São Paulo frente ao progresso proposto pelos anos dourados de JK. Alicerçada na miséria, a literatura da autora foi capaz de reproduzir, de forma inovadora e sem o filtro dos intelectuais, a realidade além das fronteiras, ainda maiores do que as geográficas, e que se impõem entre o barro e o asfalto, fortemente demarcados nas grandes metrópoles. A obra *Quarto de despejo* compara sua situação na favela com a encontrada no centro da cidade de São Paulo, percebendo-se como um “objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”.

Na obra caroliniana, misturam-se as instâncias narrador/autor/personagem, o que torna difícil estabelecer os campos do real e do ficcional. Nesse caso, além da autora, Carolina de Jesus, a própria personagem principal do romance, deseja escrever uma obra literária que fale de suas memórias e de outras versões da história a partir da “visão da periferia” e da opressão direcionada às mulheres negras em uma sociedade patriarcal.

TEIXEIRA, Nírcia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

Carolina, por meio de sua narrativa, dá voz a um grupo social historicamente silenciado e marginalizado - mulher, negra e favelada - por um viés não contemplado pelos discursos hegemônicos e pela história oficial. Como explica Jaime Ginzburg:

Segmentos sociais excluídos por forças repressoras, muitas vezes, tiveram suas vivências relatadas por discursos oficiais de modos distorcidos, restritivos ou manipulados. Grupos reificados pela escravidão, por preconceitos e por violência institucional, muitas vezes, não tiveram a devida oportunidade de apresentar seus pontos de vista sobre as transformações históricas. Tratados como objetos do conhecimento oficial, muitas vezes foram reduzidos a resíduos de si mesmo, tendo suas vivências ocultadas ou esquecidas, pelas narrativas contadas em linguagem autoritária por governos repressores e instituições disciplinares hostis. (GUINZBURG, 2008, p. 200)

Antonio Candido (2004) argumenta que o acesso à literatura é um dos direitos humanos básicos, indispensável não apenas à sobrevivência física, mas ao pleno desenvolvimento do imaginário. Candido ressalta a importância do conhecimento das mais variadas formas de expressão literária, sejam elas legitimadas pelo sistema cultural hegemônico, sejam elas oriundas de movimentos de negação do estado predominante de coisas. Para ele, "o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes" (CANDIDO, 2004, p. 182).

Os diários de Carolina Maria de Jesus, de acordo com Luciana Paiva Coronel (2014), constituem um exemplo do pensamento de Candido, pois não revelam apenas a palavra de uma mulher dirigida à sociedade, mas também os recursos de linguagem que permitem criar uma narrativa contundente acerca das experiências vividas. Valendo-se da ironia, Carolina reelabora a dor sentida por meio das palavras, que canalizam para a página o sofrimento, cristalizando-o além de si e do barraco que abriga a cena.

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

A autora transfigura a vida na escrita, a palavra é guia, a voz da exclusão permite aos leitores conhecer o teor conservador e excludente do processo modernizador em curso no país nos anos 50, época em que escrevia. Partindo, por exemplo, da presença específica do pão duro como alimento que não pode ser dispensado, porque não há outro, ela amplia o âmbito de pertencimento desta dureza, que termina por contemplar a rotina completa da vida dos moradores da favela: "Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado". (CORONEL, 2014, p. 42)

Miranda (2015) assevera que a voz de Carolina ressoa a periferia de onde brota sua experiência, ao passo que o poder de sua escrita demonstra que estava à margem das benesses trazidas pelo progresso. Mesmo quando passou a circular pelos espaços centrais citadinos, devido ao poder aquisitivo e à fama que conquistara, ela era mantida como "outro", como margem. A margem é social, pois sendo ela uma mulher negra de pouca escolaridade, não passou ilesa pelas estruturas racistas de uma sociedade marcada por uma série de problemas oriundos da miséria e do descaso público com os mais pobres, aqueles que viviam às margens da sociedade, em situação de abandono, enquanto o país se vangloriava por viver um salto modernizador e desenvolvimentista na década de 1950. Assim, Carolina empodera-se à medida que encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal e uma história de vida no emaranhado das relações socioculturais, e também uma identidade coletiva. Assim, no enfrentamento e na superação das dificuldades, a autora vislumbra a questão da emancipação/empoderamento como resultado das mudanças e transformações do eu.

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.

Curitiba, Paraná, Brasil

Data de edição: 27 dez. 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carolina pertenceu a um meio que a excluiu por ser semiletrada, apreciar as artes e, ao mesmo tempo, não conseguir se encaixar na sociedade erudita pela sua história de vida, raça e audácia. Ela é um exemplo de mulher com consciência racial e social que, a partir da sua escrita, se “permitiu ter voz”, sendo uma escritora especial não pelo que escreveu, mas pelo modo como o fez. Em troca desse trabalho inusitado, recebeu muitas críticas referentes às falhas linguísticas de concordância e outros aspectos de linguagem, não tendo sido recompensada pelo seu ato, e sim pela sua riqueza de exposição dos fatos, como assevera Elódia Xavier: “É mal escrito, sim; mas a própria incorreção linguística faz parte de um encontro de opressão e carência e deve ser lida como integrante do mundo marginalizado” (XAVIER, 2002, p. 25).

A escrita caroliniana é usada como arma voltada para denunciar os descasos políticos que nada fazem pela São Paulo existente nas favelas, trancafiadas nos quartos de despejos como se fossem resíduos da sociedade. Além disso, serve de alimento que lhe preenche uma alma de poeta e, como ela própria nos diz, “o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (JESUS, 2006, p. 33). Ela é a voz legítima de representação dos oprimidos e sua escritura, e para além de alçar o discurso de um sujeito marginalizado ao plano público, alinhou o tema à experiência histórica na própria forma da linguagem híbrida que assimila, no nível da forma, a vivência e o trânsito entre lugares e culturas onde a autora viveu. Assim, emerge a experiência social narrada do sujeito cuja subjetividade se constitui como forma de empoderamento, mesmo que o tema, o cenário, os retratos, constituam-se a partir de uma poética de resíduo.

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

REFERÊNCIAS

ALVES, U. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-literatura-de-carolina-maria-de-jesus-do-quarto-de-despejo-para-mundo-> Acesso em: 20 mar. 2016.

ANDRADE, L. P. História e ficção no cerne de *Quarto de despejo*. *Rascunhos Culturais*, Coxim-Ms, v. 2, n. 4, p. 107-123, 2008.

BATLIWALA, S. “The Meaning of Women’s Empowerment: New Concepts from Action”. In: SEN, G.; GERMAIN, A.; CHEN, L. C. (Eds). *Population Policy Reconsidered: Health, Empowerment and Rights*. Boston: Harvard University Press, 1994, p. 127-138.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre azul / São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.

CASTRO, E. M.; MACHADO, M.N.M. *Muito bem, Carolinal* – Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.

CORONEL, L. A censura ao direito de sonhar em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, v. 44, out./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n44/a13n44.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.

DANTAS, A. “O drama da favela escrito por uma favelada: Carolina Maria de Jesus faz um retrato sem retoque do mundo sórdido em que vive”. *Folha da noite*, v. 37, n. 10.885, 1958.

GINZBURG, J. Literatura e direitos humanos: notas sobre um campo de debates. In: UMBACH, R. K. (Org.). *Memórias da repressão*. Santa Maria: UFSM/PPGL-Editores, 2008, p. 18.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo* – diário de uma favelada. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

JESUS, C. M. de, 1914-1977. *Antologia pessoal*. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico. De Rousseau a internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

MIRANDA, F. R, de. Carolina Maria de Jesus: A morada da palavra. *Grau Zero* — Revista de Crítica Cultural, v.3, n. 1, 2015

MEIHY, J. C. S. B. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. *Revista da USP*, São Paulo, v. 37, p. 82-91, 1998.

OLIVEIRA, L. de. “Carolina Maria de Jesus e a mídia racista e a literatura no quarto de despejo.” Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/05/27/carolina-maria-de-jesus-a-midia-racista-e-a-literatura-no-quarto-de-despejo/>. Acesso em: 23 mar. 2016

SANTOS, L. G. A. dos. *Carolina Maria de Jesus: Análise Identitária em Quarto de despejo - Diário de uma favelada*. Dissertação. Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem – UFG Regional Catalão, CATALÃO – GO – 2015. Disponível em: https://mestrado_letras.catalao.ufg.br/up/570/o/Vers%C3%A3o_digital_DISSERTA%C3%87%C3%83O_LARA_GABRIELLA_ALVES_DOS_pdf. Acesso em: 5 dez. 2016.

SANDERBERG, C. *Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista*. Transcrição revisada da comunicação oral apresentada ao I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento das Mulheres – Projeto Tempo, promovido pelo NEIM/UFBA, em Salvador, Bahia, 2006.

SANTOS, G. A intelectualidade de Carolina Maria de Jesus por meio de sua obra *Quarto de despejo*. *Pergaminho*, v. 5, p. 59-68, dez. 2014.

XAVIER, E. *Quarto de despejo: literatura de testemunho?* In: ANAIS do VIII Congresso Internacional da ABRALIC. Belo Horizonte, 2002.

WALLERSTEIN, N.; BERNSTEIN, E. Introduction to Community Empowerment, Participation, Education, and Health. *Health Education Quarterly: Special Issue Community Empowerment, Participatory Education, and Health*, part I, v. 21, n. 2, p. 141-170, 1994.

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.

UMBACH, R. K. Memórias da repressão e literatura: algumas questões teóricas. In: _____. (Org.). *Memórias da repressão*. Santa Maria: UFSM/PPGL-Editores, 2008, p. 18.

TEIXEIRA, Níncia Borges. A escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades. *Scripta Uniandrade*, v. 14, n. 2 (2016), p. 270-290.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 dez. 2016.